

# O Ensino de Português para Estrangeiros na Universidade Federal de Minas Gerais

Equipe Responsável:

Profa. Regina Lúcia Péret Dell'Isola

*Supervisora do Curso de Português para Estrangeiros (UFMG)*

Denise Araújo Pedron

Estela Maura Silva de Castilho

Guilherme Lentz da Silveira Monteiro

Renata Josely da Silva

*Professores do Curso de Português para Estrangeiros (UFMG)*

O ensino de Português para Estrangeiros é oferecido semestralmente pela Faculdade de Letras da UFMG, através de seu Centro de Extensão da Faculdade de Letras e tem como público alvo alunos adultos que desejam, em curto espaço de tempo, obter o máximo de conhecimento da língua portuguesa. A principal motivação desses alunos é se comunicar na língua dos brasileiros, uma vez que estão aprendendo esta língua em contexto de imersão. Para não se perder de vista o objetivo dos alunos, pois foi para aprender o Português é que se organizou a turma (e não exatamente para que o professor os ensinasse), atualmente, o curso compreende quatro níveis: Básico (para principiantes, sem conhecimento da língua portuguesa); Intermediário I (para principiantes, com conhecimento básico de Português); Intermediário II (para estrangeiros que se comunicam em Português e desejam aperfeiçoar suas habilidades orais e escritas) e Avançado (para aqueles que apresentam bom desempenho oral e necessitam desenvolver a habilidade escrita em norma culta).

Constatamos que o trabalho mais importante na sala de aula é feito pelo aluno e não para ele. Cabe ao professor orientá-lo e estimulá-lo propondo simulações de situações verdadeiras de acordo com cada nível de conhecimento do aluno. Acreditamos nos princípios apresentados por RAMALHETE (1984): a) falar uma língua é uma atividade ao mesmo tempo física e intelectual; b) quando se fala uma língua estrangeira, faz-se uso de instrumentos de reflexão dados pela língua materna; c) a língua só existe em situação de comunicação, fora disso é urna abstração. Esses princípios direcionam nosso trabalho e orientam a equipe de professores a

dar oportunidade ao aluno estrangeiro de sistematizar, no espaço da sala de aula, o conhecimento que circula ao seu redor. Privilegia-se o uso da língua associado ao conhecimento prévio do aluno. Para implementar essa proposta, o planejamento do curso, os materiais utilizados e as atividades desenvolvidas em sala de aula ocorrem a cada semestre durante o processo, de acordo com as situações que são apresentadas ou conforme objetivos traçados pelos próprios alunos.

O curso básico de Português para Estrangeiros da UFMG é planejado de modo a tentar satisfazer as necessidades básicas de comunicação de um estrangeiro no Brasil, como ir a um restaurante, comprar ingressos para um show, convidar um amigo (que fala Português) para sair, utilizar os sistemas de transportes do país, etc. Além disso, o curso tem, como objetivo, iniciar o aluno no conhecimento da cultura brasileira. Desse modo, centra-se nesses dois objetivos, que, na verdade, são trabalhados simultaneamente.

Num primeiro momento, tenta-se satisfazer as necessidades básicas de comunicação, através de diálogos e exercícios estruturais. Visando o aprendizado do Português, em contexto de imersão, procura-se apresentar já nesses diálogos aspectos da cultura e do viver brasileiro, como gírias, expressões idiomáticas, desvios da norma culta na fala, diversos modos de tratamentos, cumprimento etc. Tudo evidentemente contextualizado. Os exercícios estruturais são dados a partir do contato contextual do aluno com a estrutura. Num segundo momento, trabalham-se mais profundamente aspectos culturais, como política, economia, sociedade e história brasileira, através de um material autêntico de suporte como músicas, textos jornalísticos e alguns literários, vídeos, tudo dentro de um vocabulário acessível ao nível básico, não impedindo que haja momentos de maior complexidade.

Dessa forma, objetiva-se um aprendizado tranqüilo, permitindo ao aluno espaço para que expresse suas dúvidas a respeito de determinado assunto, opiniões sobre o curso, dificuldades na utilização de alguma estrutura. No segundo momento do curso, procura-se estimular a capacidade do aluno na aquisição dessa língua, além da fixação de vocabulário e estruturas. Isso se faz através de atividades escritas, como redação, ditados e atividade de conversação.

O curso Intermediário destina-se a pessoas que já possuem um conhecimento elementar da língua. Tal público pode ser dividido em basicamente duas categorias, a saber, (1) a das pessoas com um domínio mínimo da língua – já fora, portanto, do domínio de um curso em nível básico –; e (2) pessoas com desempenho razoável, mas com certas falhas a nível estrutural, tais como insegurança na conjugação dos diversos tempos verbais (principalmente no caso de verbos irregulares), dúvidas quanto à distinção entre pretérito perfeito e imperfeito, entre os verbos *ser* e *estar*, emprego de certas preposições, do modo subjuntivo, etc. As pessoas pertencentes a este segundo grupo comunicam-se com desenvoltura, relacionando-se satisfatoriamente bem com o meio sócio-cultural brasileiro, mas, devido às dificuldades que apresentam, não podem ser enquadradas no curso avançado.

Fica claro que é problemático classificar esses dois grupos igualmente como de nível Intermediário, pelo menos se isso significar que eles estarão presentes em uma mesma classe. Devido a isso, o curso de Português para Estrangeiros em nível Intermediário foi dividido em dois sub-grupos, quais sejam *Intermediário I* e *Intermediário II*. Focaliza-se aqui, primeiramente, o nível 1.

Na elaboração do curso Intermediário I, partiu-se do pressuposto de que os alunos já dispunham do conhecimento elementar tanto gramatical quanto funcional. que é o objetivo do curso básico. Isso significa, por um lado, que, teoricamente, eles já deveriam dominar os itens gramaticais básicos da língua, tais como ordenação dos elementos e estrutura da frase, noções sobre o sistema verbal, notadamente no caso do modo indicativo, advérbios e utilização dos sufixos e prefixos mais comuns. Por outro lado, acreditava-se que os alunos já possuiriam um vocabulário elementar e algum conhecimento sobre expressões populares e aspectos básicos da cultura brasileira. Essa combinação elementar de conhecimento formal e comunicativo já garantiria a capacidade de usar seus novos conhecimentos lingüísticos para satisfazer as necessidades cotidianas, tais como fazer uma compra, pagar uma conta, marcar uma consulta, combinar um encontro, acompanhar superficialmente a imprensa dentre outras.

Dessa forma, considerou-se inicialmente que o curso de Intermediário I possuía um conteúdo gramatical bem determinado e um conteúdo funcional menos definido, já que o pressuposto de que o aluno já era capaz de

vivenciar situações básicas daria uma certa “liberdade temática” ao professor. Não havendo necessidade de repetir o conteúdo funcional do curso Básico, seria possível *introduzir* o aluno em outras questões da língua, tais como a linguagem metafórica, o senso de humor e, principalmente, a linguagem escrita e sua relação conflituosa com a expressão oral. Do ponto de vista gramatical, esperava-se, além da consolidação dos conhecimentos adquiridos no curso Básico, que os estrangeiros, ao final do curso, dominassem também os verbos no modo subjuntivo.

Entretanto, os pressupostos sobre os quais se baseava este projeto mostraram-se logo falsos, por desconsiderarem alguns aspectos básicos do curso de Português para Estrangeiros. O principal erro foi tomar o aluno egresso do nível básico como padrão para o Intermediário. O curso para estrangeiros possui um público, por assim dizer, altamente “instável”. Todos os semestres chegam alunos de diversas partes do mundo, com as experiências mais diversas. Outros já vivem no Brasil há algum tempo, mas ainda estão iniciando seus estudos de Português. Algumas pessoas desse primeiro curso de Intermediário I já haviam estudado Português em seus países e, ao ingressar no curso para estrangeiros, possuíam razoável conhecimento sobre a gramática portuguesa, o que se manifestava principalmente na expressão escrita. Percebeu-se, porém, que o domínio de itens gramaticais e o de lexicais são até certo ponto independentes entre si, de maneira que os referidos alunos não tinham um vocabulário condizente com o que já sabiam sobre a estrutura da língua, o que lhes impedia um bom desempenho. Analogamente, havia alunos perfeitamente integrados, do ponto de vista comunicativo, à sociedade brasileira, capazes de participar de conversas nos mais diversos registros lingüísticos e até de acompanhar a imprensa escrita, mas sem qualquer sistematização gramatical, principalmente no que se refere aos modelos de conjugação de verbos.

A classificação dos alunos quanto ao nível de conhecimento do Português deve obedecer uma espécie de “média” entre os conhecimentos formais e os comunicativos. Não haveria sentido em colocar no curso Básico alunos que, apesar do fraco desempenho oral, têm conhecimento sobre matérias normalmente difíceis para o estrangeiro, como o presente do subjuntivo e complexas estruturas de subordinação de orações. Da mesma forma, não se pode classificar como “avançado” um aluno que não é capaz sequer de

conjugar um verbo regular no presente do indicativo, mesmo que seu conhecimento sobre o léxico da língua portuguesa lhe permita um relacionamento satisfatório com a sociedade e a cultura brasileiras.

As dificuldades presentes em um e outro grupo irão encontrar-se em alguns pontos, permitindo o planejamento de um curso comum. Para tanto, é preciso estabelecer que a diferença básica entre os cursos Básico e Intermediário I *não deve ser funcional*. O que vai mudar é o nível de complexidade, tanto lexical quanto gramatical. Isso significa que o caráter “pragmático” do curso Básico deve ser mantido, ou seja, continua sendo fundamental que se trabalhe com diálogos baseados em situações cotidianas, como compras, conversas etc. As falhas quanto à sistematização de itens gramaticais podem ser corrigidas durante as primeiras semanas de curso, através de uma “revisão”. A palavra vem entre aspas porque, a rigor, não se poderia falar em revisão, já que se está considerando que nem todos os alunos já viram a matéria anteriormente. A “liberdade temática” de que se falava anteriormente pode e até deve – desde que não se percam de vista as necessidades comunicativas do aluno – existir, mantendo-se, inclusive, a introdução ao conflito fala-escrita. Trata-se, como se vê, de um processo de homogeneização da turma, o que de fato foi conseguido ao final do curso, estando os alunos prontos para iniciar o curso Intermediário II.

Dentro da sala de aula, trabalha-se segundo as orientações gerais do curso para estrangeiros, ou seja, buscando-se uma aprendizagem baseada nas interações professor-aluno” aluno-sociedade brasileira e língua-cultura. Procura-se criar nas aulas um ambiente descontraído, através de um relacionamento informal entre o estrangeiro e o professor. Isso é extremamente imponente para que os estudantes sintam-se com liberdade para falar, adquirindo segurança no uso da língua – além, é claro, dos aspectos humanos envolvidos em todo processo de aprendizagem. A esse respeito, defende-se fortemente uma postura segundo a qual o professor deve ouvir o que for dito em sala como, antes de tudo, um sujeito participante de uma conversação, ou seja, a preocupação com a discussão precede a preocupação com o conteúdo gramatical propriamente dito. A mesma orientação vale para a produção de textos escritos. Deve-se ainda ressaltar, sobre essa matéria, o fato de que a manifestação espontânea dos alunos é prioridade absoluta, não tendo o professor nenhuma hesitação em abandonar seu planejamento, no caso de surgir alguma discussão durante a aula.

Não se adotou para o curso Intermediário I um livro, o que se deveu mais a dificuldades de aquisição do mesmo em quantidade suficiente para toda a turma do que propriamente a questionamentos quanto à sua utilidade. Dessa forma, trabalhou-se com pequenas apostilas, que seguiam o seguinte padrão: (1) um texto em que se procurava empregar determinado conteúdo gramatical, permitindo que o aluno começasse a identificá-lo intuitivamente; (2) exercícios estruturais e de produção de texto, mais tarde entregues ao professor para correção; e (3) sistematização do conteúdo gramatical visto. Os textos eram dos mais diversos tipos e tratavam de assuntos variados. Assim, havia diálogos e textos formais, abordando desde situações usuais de comunicação (por exemplo, um convite para sair ou um telefonema malsucedido) até assuntos atuais da vida brasileira, como as eleições. Criticam-se os manuais de Português para estrangeiros por prepararem sempre o aluno para o “sim”. O curso Intermediário I procurou deliberadamente afastar-se dessa orientação, buscando sempre criar situações inusitadas – aliás a todo momento presentes na prática lingüística –, em que os estudantes tivessem necessidade de usar criativamente o que aprendiam.

Além disso, trabalhou-se também com músicas, enfocando, por um lado, informações sobre os artistas (normalmente grandes nomes da música brasileira, como Tom Jobim, Elis Regina, Raul Seixas etc, com os quais o estrangeiro pode, eventualmente, se deparar em uma conversa ou matéria jornalística), movimentos culturais mais conhecidos no Brasil (Tropicalismo, Jovem Guarda etc.), a influência de outras culturas no Brasil (sobretudo da americana, européia e africana), as diferenças regionais (principalmente os conflitos sudeste-nordeste, campo-cidade e zona nobre-favela), aspectos históricos e políticos do Brasil implicados na produção artística, notadamente no que se refere ao período militar. Muitas vezes, a música foi utilizada como exercício da compreensão oral. Dava-se aos alunos a letra, com algumas lacunas, que deveriam ser preenchidas durante a audição. No início, os alunos encontravam muita dificuldade neste exercício, mas, ao final do curso, já possuíam uma compreensão muito melhor, de maneira que se aumentou o número de lacunas na letra, sem que isso lhes trouxesse grande dificuldade adicional.

Aliás, a partir da dificuldade que os alunos inicialmente apresentavam nesse exercício, ficou clara a importância da preocupação com a compreensão oral e sua relação com a escrita. Por isso, trabalhou-se muito

também com ditados, que no início mostraram-se difíceis para os estrangeiros, mas, sem que se escolhessem textos mais simples, o desempenho dos alunos melhorou bastante ao longo do curso. Os textos (normalmente pequenos, de cinco a dez linhas datilografadas) eram escolhidos segundo a orientação geral de tratarem de assuntos diversos relativos ao Brasil, seja política, arte ou turismo. Trabalhava-se, normalmente, da seguinte forma: (1) lia-se todo o texto, (2) repetia-se, frase por frase, cerca de três vezes cada uma, às vezes fragmentadamente, conforma a extensão, (3) lia-se mais uma vez o texto inteiro, (4) pedia-se que um aluno lesse o que tinha compreendido. A experiência com os ditados foi sobretudo importante para que se percebessem certos erros comuns, sobretudo entre os falantes de língua inglesa, tais como a supressão dos artigos indefinidos ou sua substituição por um artigo definido e a confusão quanto ao gênero das palavras (masculino ou feminino).

Um trabalho interessante que se desenvolveu, sobretudo com relação à escrita, foi o atendimento individual aos alunos. A partir do último mês de curso, cada aluno recebeu atendimento individual uma vez por semana, durante uma hora. O objetivo era que o professor pudesse deter-se mais em alguns problemas particulares complexos demais para poderem ser resolvidos durante a aula sem que isso atrapalhasse o andamento global. Assim, basicamente esse acompanhamento mais próximo consistiu em trabalhos de reestruturação de textos. Analogamente à postura adotada para as discussões em aula, trabalhavam-se os textos enquanto objetos de leitura e apenas eventualmente como um exercício de gramática. Em outras palavras, o mais importante era o conteúdo que o aluno queria transmitir, se ele tinha sido feliz em sua tentativa e, principalmente em caso negativo, por quê. O texto analisado era refeito pelo estrangeiro, levando em conta as observações feitas. Em geral, os resultados foram muito bons. A observação mais cuidadosa levava os estudantes a novas reflexões sobre a língua, facilitando o processo de aprendizagem. Para o professor, foi uma grande oportunidade de descobrir objetos de pesquisa em potencial, além de lhe dar indícios de possíveis falhas didáticas, o que permite um aperfeiçoamento técnico.

De forma geral, o resultado obtido nesse primeiro curso de Intermediário I foi satisfatório, tendo as principais metas sido atingidas. Entretanto, observaram-se quatro grandes problemas relativos ao curso, para os quais ainda não se tem uma solução definitiva, mas já se está trabalhando nesse

sentido. Dois desses obstáculos são de ordem didático-metodológica, e os outros dois, mais relacionados com certas características dos alunos.

Para que se possa discutir melhor os problemas deste segundo grupo, é preciso estabelecer aqui a diferença entre *ensino de Português como segunda língua* e *ensino de Português como língua estrangeira*. No primeiro caso, o aluno “repete” o processo de aquisição da língua materna. Assim, pressupõe-se que ele esteja em imersão, isto é, vivendo no país em que se fala a língua-alvo. No segundo caso, o aluno não se encontra em imersão. É o caso, por exemplo, dos cursos de Inglês, Francês etc. ministrados aqui no Brasil, ou de um curso de Português nos Estados Unidos. Por uma série de razões que não é objetivo deste trabalho analisar, o curso de um e o de outro tipo devem valer-se de técnicas e ter objetivos diferentes. De momento, podemos lembrar uma orientação básica do curso para estrangeiros, a saber: a de preparar os alunos para a cultura brasileira. Acrescente-se um dado teórico: o aluno em imersão toma contato com um número muito grande de elementos lingüísticos novos, o que é fator de “aceleração” da aprendizagem. Por isso, o professor pode, teoricamente, contar com o fato de que o aluno terá grande capacidade intuitiva com relação a língua e que os conteúdos gramaticais e lexicais vistos na sala de aula serão fixados principalmente através do contato cotidiano com a língua, da necessidade de usá-la todo o tempo em situações reais.

Na primeira turma de Intermediário I, a maior parte dos alunos tinha o Inglês como língua materna ou segunda língua. Normalmente, eram professores ou pessoas que conviviam em um meio que poderia ser considerado “culto”, com pessoas falantes do Inglês. Dessa forma, ao contrário do que se havia planejado inicialmente, ao sair das aulas, os alunos não continuavam em contato com a língua portuguesa, muito menos tinham necessidade dela em situações reais. Ao mesmo tempo, foi muito comum que se pedisse um ensino mais baseado na gramática e exercícios estruturais, em detrimento da conteúdo comunicativo e, principalmente, cultural. Apesar de essa discussão ter trazido à tona algumas questões interessantes – que poderão ser desenvolvidas em um próximo trabalho –, constitui, juntamente com o problema dos falantes de Inglês, um grande obstáculo.

O curso para estrangeiros é planejado para que seja um curso de *segunda língua*, e não um curso de *língua estrangeira*. Se, não obstante o aluno não

falar Português fora da aula, ele receber uma formação gramaticalista, inverte-se o objetivo inicial. Em muitos momentos o que se viu foi um professor de Português de segunda língua dando aula para estudantes cujo objetivo era aprender uma língua estrangeira. Trata-se de um problema de difícil solução, pois se por um lado há um impedimento quase ético de se adotar métodos considerados ultrapassados e uma abordagem descontextualizada quando o contexto existe –, por outro lado o professor não pode simplesmente ignorar os problemas de seus alunos, fingindo que tudo funciona bem. Trata-se realmente de uma questão ainda não resolvida, embora já se comessem a vislumbrar possíveis saídas.

Um outro problema que se teve foi quanto à consciência da aprendizagem nos alunos. No curso básico, os estrangeiros inicialmente não conseguem comunicar-se em Português. Na medida em que vão adquirindo conhecimento sobre a língua, tornam-se mais e mais capazes, o que é um grande fator de motivação da turma. A evolução a partir do nada é muito mais aparente. Os alunos do nível Intermediário, por sua vez, como, de maneira geral, comunicam-se com desenvoltura, percebem menos enfaticamente seu progresso. Trazem poucas perguntas para a aula, o que não significa que não tenham problemas, mas é antes o reflexo da falta de uma certa “curiosidade” presente no aluno do Básico. Aqui também não se tem ainda uma solução definitiva, embora já se imagine que a consciência da aprendizagem possa ser conseguida a partir da diferenciação entre os níveis Básico e Intermediário não quanto ao nível funcional, mas sim quanto ao nível gramatical, questão já citada neste trabalho.

Um último problema a ser citado refere-se aos métodos utilizados. De maneira geral, pode-se dizer que não se tem uma técnica específica para cada conteúdo gramatical, isto é, ainda não se conhece qual técnica é melhor para ensinar qual matéria. No curso de Intermediário I, foram usadas algumas técnicas gerais de ensino de línguas, mas dificilmente algum método desenvolvido para solucionar algum problema específico, e, o que é mais grave, muitas vezes ficou claro que não se pode falar nem mesmo na existência de uma tecnologia para o ensino de Português como segunda língua. Isso significa que em vários momentos, não poderíamos dizer que há diferenças entre o curso de Português para Estrangeiros e os cursos de língua estrangeira de modo geral, – pelo menos se, dentre estes, considerarmos os mais modernos, que privilegiam o aspecto funcional. A diferença não se manifestou essencialmente do ponto de vista

metodológico, mas sim na preocupação com a integração cultural do estrangeiro no Brasil. Trata-se também de uma questão ainda completamente em aberto, que começa a ser discutida agora.

Essa experiência com o curso de Português para Estrangeiros no nível Intermediário I fornece matéria para uma ampla discussão acerca do assunto. O resultado mais positivo dessa proveitosa experiência é a reafirmação da necessidade de se pesquisar nessa área. As dificuldades encontradas são o ponto de partida para as próximas experiências, em que também os sucessos serão revistos. Tal orientação tem permeado não só o curso de Intermediário I, mas também o curso para estrangeiros da UFMG como um todo.

A clientela do Curso de Português para Estrangeiros, nível Intermediário II, é composta, em geral, por estrangeiros que possuem um bom conhecimento da língua, no tocante à compreensão do discurso, bem como na fluência da leitura, mas também têm dificuldades – ou apresentam deficiências – na articulação e manifestação desse entendimento, em nível oral e escrito. Assim, o curso foi montado de forma a estimular o desenvolvimento dessa habilidade, já apreendida, em favor de uma melhoria na linguagem.

Optou-se pela não-adoção de um livro didático, sendo o curso dividido por tópicos, cada um correspondendo a um tema. Nesse semestre, tratou-se de:

- a) comunicação e comportamento humano (meio urbano),
- b) a juventude na sociedade de consumo,
- c) o trabalho no Brasil (avanço e retrocesso),
- d) formação étnica da população brasileira,

especificamente os índios e os negros (os textos abrangiam tanto o aspecto histórico desses grupos, quanto a realidade social dos mesmos na atualidade).

Na organização do material didático – basicamente textos jornalísticos (reportagens de jornais e revistas, documentários e entrevistas de personalidades, ligadas ao tema, para TV e noticiários no rádio), complementados por um ou outro texto literário e músicas –, foi mantida uma estreita relação entre as temáticas: seja descrevendo realidades semelhantes, seja apresentando pontos de vista diferenciados sobre um mesmo assunto. Assim, tivemos linguagem e realidade interligadas.

Tal dinâmica abriu precedentes para a realização de debates em sala de aula, onde os alunos expunham suas opiniões, favorecendo o exercício de expressão oral. A exemplo, o tópico “juventude na sociedade de consumo”, em que foram utilizadas duas reportagens: uma sobre a vida de adolescentes moradores de favela, enfocando seus sonhos e a realidade onde vivem; e à outra reportagem versando sobre jovens da classe-média alta – a geração shopping-center –, seu estilo e perspectiva de vida. Os textos possibilitaram aos alunos identificarem e traçarem contrastes e singularidades de uma mesma geração, num mesmo país, mas dividida socialmente.

Os tópicos foram trabalhados de forma a considerar não só a linguagem em si (estrutura do discurso, falado e/ou escrito), mas também o seu contexto. Fizeram-se duas abordagens: a) o texto como “objeto” (a linguagem, tema: sua estrutura “aparente”); b) o texto como “modo” (a linguagem, tema: estrutura implícita, ou seja, esses elementos em função de uma ideologia).

Na sala de aula, após uma leitura de reconhecimento (em que se exploravam o vocabulário, expressões idiomáticas etc.), fazia-se uma leitura crítica dos enunciados (escrita-texto, fala-documentário e/ou entrevistas em vídeo). A compreensão do discurso, viabilizada pela leitura interpretativa implicava a percepção das relações entre o texto e o contexto. Seguiu-se, então, o debate, atividade oral (neste caso) de fundamental importância para o desenvolvimento da capacidade de argumentação do aluno – processavam-se, desta maneira, os meios para articulação oral da língua.

Para um melhor aproveitamento das discussões, eram propostas questões polêmicas acerca do tema, ou ainda, acrescentavam-se outras informações que dessem subsídios para que os alunos formulassem suas opiniões.

Paralelamente a isso, foi trabalhada, intensamente, a produção de texto, sempre vinculada ao conteúdo em questão, com vista ao aprimoramento da utilização da língua pelo estrangeiro. Era na redação de textos que o aluno sistematizava o que foi discutido. Através do texto, também foi possível detectar – mostrando ao aluno – os “entraves” estruturais de sua linguagem (problemas na formação de orações, no encadeamento de idéias, na utilização dos pressupostos gramaticais etc.). Dada a dinâmica da fala, tornou-se menos produtivo corrigir esses “deslizes” de linguagem durante os debates – salvo distorções gritantes –, já que uma interrupção poderia

inibir a exposição oral do aluno. Assim, por meio da escrita, resgatavam-se, ainda, as dificuldades apresentadas oralmente, tornando a correção e assimilação mais eficazes.

Dentro do item “Produção de texto”, abordou-se os conteúdos gramaticais. Nesse sentido, a gramática foi vista de uma forma gradativa, sistematizada e pensada a partir dos problemas manifestados pelos alunos. Partiu-se de uma estrutura formalizada previamente (o próprio texto dos alunos) para que se sanassem as distorções. Todas as redações eram corrigidas, sendo que, num esquema de rodízio, a cada aula analisava-se um texto no quadro, a fim de que todos participassem na melhor adequação dos termos da frase ou parágrafo.

As atividades orais ou escritas foram, em sua totalidade, objeto de avaliação do aproveitamento do aluno: os exercícios de leitura em voz alta, as respostas dadas às perguntas de releitura, desempenho crítico na interpretação dos textos, bem como participação ativa em sua produção e na assimilação e utilização dos conteúdos gramaticais estudados.

O curso avançado de PE (primeiro semestre de 1994) foi dividido em nove unidades, que correspondem a assuntos em pauta na ordem do dia, ou, ainda, relativos à sociedade e cultura brasileira. Cada unidade foi montada, em geral, em torno de textos jornalísticos, entrevistas, músicas (exercícios de interpretação e alguns exercícios estruturais), sempre relacionados por um mesmo tópico. Cada assunto era desenvolvido em no mínimo quatro horas e no máximo oito horas, sendo a carga horária semanal de quatro horas divididas em dois dias alternados.

As leituras eram feitas em sala de aula de diversas maneiras: em voz alta com objetivo de avaliar e aprimorar a pronúncia de língua –; silenciosa e individualmente – para incitar exposições de opiniões particulares sobre determinado assunto –; em grupos – visando a troca informal de opiniões sobre o assunto para abrir posteriormente a discussão em conjunto.

Ao final das discussões de cada unidade, era elaborada uma proposta de texto dissertativo a ser desenvolvido pelos alunos em um caderno ou bloco, o que possibilita a análise da progressão gradual dos alunos em relação ao domínio da língua e o trabalho de superação dos problemas detectados.

A partir da leitura dos textos dos comentários desenvolvidos por escrito pelo professor e devolvidos aos alunos é que eram introduzidos os aspectos

da gramática e de estruturação textual da língua ainda não dominados por completo.

O ensino de PE na UFMG é favorecido pelo fato de o aluno estrangeiro, independente do nível da turma que frequenta, estar introduzido na cultura do país onde esta língua é falada. Isso exige grande preparo da equipe de professores, uma vez que o aluno traz para sala de aula dúvidas que não se enquadram em um plano de aula prévio ou mesmo do programa previsto para o nível da turma, ainda que dentro do perfil de cada uma. O aluno estrangeiro vive situações concretas em que necessita não apenas lidar com os aspectos lingüísticos mas também com os pragmáticos relativos ao uso comunicativo e adequados a aspectos da cultura brasileira. As aulas de Língua Portuguesa são preparadas dentro deste espírito: levar o aluno a desenvolver habilidades de uso do Português brasileiro. Para isso o material didático é bastante flexível uma vez que é elaborado na medida em que necessidades vão surgindo. Procura-se abandonar-se a imposição de conteúdos e estratégias centradas exclusivamente em um programa prévio, entretanto são preparados materiais que introduzem temas a serem discutidos em sala e os conteúdos gramaticais são trabalhados dentro do previsto para o nível da turma e a partir das dúvidas levantadas pelos alunos.

O curso de Português para Estrangeiros vem se expandindo a cada ano e sua utilidade tem sido reconhecida inclusive pelo Ministério das Relações Exteriores que aprovou, juntamente com o Ministério da Educação e do Desporto e do Ministério das Relações Exteriores, o nosso Curso Intensivo de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, destinado a alunos estrangeiros do Programa Estudantes Convênio-Graduação (PEC-G) da Secretaria de Ensino Superior.